

O Projeto Atlas Linguístico do Brasil e a variação lexical em sala de aula: uma proposta didática¹

Natália Rocha Cardoso²

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo apresentar uma proposta didática de variação linguística para alunos dos 1º, 2º e 3º anos do ensino médio com base nos dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), ampliando, assim, a quantidade de materiais didáticos disponíveis para auxiliar o professor em sua prática. Para tanto, foi dado o enfoque nas variações diatópica, diageracional e diassexual, a partir das questões 131, 135, 188 e 191 do questionário semântico-lexical do ALiB: *o filho mais moço, finado, sutiã e ruge*. Como arcabouço teórico para apoiar as discussões referentes aos conceitos de variação e ensino, à história da Dialectologia, assim como para auxiliar no planejamento da sequência didática, foram utilizadas as obras de Possenti (1996), Mota e Cardoso (2006), Cardoso (2010), Oliveira (2017), Paim (2019), Almeida e Bortoni-Ricardo (2023). Outrossim, também foi feita a consulta a dicionários *online* como Michaelis (2024), assim como a documentos oficiais como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018). Dessa forma, foi possível pensar, a partir de gêneros textuais multimodais, uma sala de aula onde se destaca a importância da diversidade do português brasileiro de modo a desmistificar o conceito de língua homogênea, assim como promover debates sobre o preconceito linguístico. Espera-se, portanto, que os alunos possam compreender os conceitos e eliminar estigmas sobre o uso da língua.

PALAVRAS-CHAVE: Projeto ALiB; Variação linguística; Ensino.

RESUMEN: El artículo tiene el objetivo principal de presentar una propuesta didáctica de variación lingüística para estudiantes de los 1º, 2º y 3º años de la enseñanza secundaria con base en los datos del Proyecto Atlas Lingüístico de Brasil (ALiB), ampliando, de ese modo, la cantidad de materiales disponibles para auxiliar al profesor en su práctica. Por ello, se centró la atención en las variaciones diatópicas, diageracionales y diassexuales, a partir de las preguntas 131, 135, 188 y 191 del cuestionario semántico-léxico ALiB: *el hijo menor, finado, sutiã y colorete*. Como referencial teórico para apoyar las discusiones con relación a los conceptos de variación y enseñanza, historia de la Dialectología, así como para auxiliar en la planificación de la secuencia didáctica, han sido utilizadas las obras de Possenti (1996), Mota y Cardoso (2006), Cardoso (2010), Oliveira (2017), Paim (2019), Almeida y Bortoni-Ricardo (2023). Además, también se hizo la consulta a los diccionarios *online* como Michaelis (2024), allá de documentos oficiales como la Base Nacional Comum Curricular (BNCC). De esa manera, fue posible reflexionar, a partir de los géneros textuales multimodales, una clase donde se destaca la importancia de la diversidad del portugués brasileño de modo a desmitificar el concepto de lengua homogénea, del certo y errado, bien como promocionar debates sobre el prejuicio lingüístico. Por ello, se espera que los alumnos sean capaces de comprender los conceptos y eliminar los estigmas sobre el uso de la lengua.

PALAVRAS-CLAVE: Proyecto ALiB, Variación lingüística; Enseñanza.

1. Considerações iniciais

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2024), “o Brasil é um dos maiores países do mundo. Com uma área territorial de 8.515.759

¹ Trabalho apresentado na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso — TCC, ministrada pelo Prof. Dr. Ewerton Ávila dos Anjos Luna, como requisito parcial para a conclusão do curso de Licenciatura em Letras Português-Espanhol da Universidade Federal Rural de Pernambuco — UFRPE, sob orientação da Prof. Dra. Marcela Moura Torres Paim. E-mail: marcela.paim@ufrpe.br

² Graduanda em Licenciatura em Letras Português-Espanhol pela UFRPE/SEDE. E-mail: natalia.cardoso@ufrpe.br

quilômetros quadrados, só perde para a Rússia, Canadá, Estados Unidos e China em extensão territorial”. Ademais,

O Censo 2022 gerou um retrato completo e atualizado sobre a população brasileira. Ao longo de 2023, já foram feitos alguns lançamentos e, em 2024, diversas outras divulgações trarão resultados sobre vários aspectos da nossa sociedade. Segundo o Censo 2022, a população brasileira chegou a 203.080.756 habitantes em 1º de agosto de 2022. (IBGE, 2024)

Nesse número estão incluídas, a título de ilustração, pessoas de várias etnias, idades, sexo, gênero, profissões e nível de escolarização. Desse modo, será que, em meio a esse território vasto, bem como ao grande número de habitantes, a realidade linguística é a mesma? É essa questão que os estudos dialetológicos buscam responder. Conforme Cardoso (2010, p.45),

(...) a dialetologia busca, prioritariamente, estabelecer relações entre modalidades de uso de uma língua ou de várias línguas, seja pela identificação dos mesmos fatos, seja pelo confronto presença/ausência de fenômenos considerados em diferentes áreas.

Pode-se afirmar, assim, que o objeto de estudo da Dialetologia é a variação da língua. Conforme Paim (2019, p.29, grifo da autora),

tudo é diverso no universo. Inclusive, os usos da língua. Em todas interações, os usuários da língua convivem com a variação que é uma propriedade inerente a qualquer língua (viva) e pode observar-se quer sincronicamente, manifestando-se quer como diversidade dialetal ou sociolinguística, quer historicamente, revestindo, então, a feição de mudança linguística.

A ferramenta principal utilizada para essas pesquisas é a geografia linguística que, como explica Cardoso (2010, p.46), “(...) vai se incumbir de recolher de forma sistemática o testemunho das diferentes realidades dialetais refletidas nos espaços considerados”. Contudo, apesar de ter como enfoque principal a variação espacial, esses estudos não desconsideram que a língua é viva e que, por assim ser, sofre a interferência de vários fatores como a idade, a escolaridade e o sexo, pois cada indivíduo tem suas crenças, suas vivências, seu conhecimento de mundo e isso está intrínseco em sua fala, pois “(...) questões sobre a relação entre a linguagem e a identidade social são extremamente importantes” (Paim, 2019, p. 13). Além disso, afirma Paim (2019, p.11),

Refletir sobre a linguagem e a identidade social tem sido práticas cada vez mais constantes, pois as transformações sociais recentes podem levar a escolhas de distintas maneiras de se dizer o mesmo, com o mesmo valor de verdade, num determinado contexto comunicativo.

Dessa maneira, com o propósito de descrever a realidade do português brasileiro, no ano de 1996, na Bahia, é dado início ao Projeto Atlas Linguístico do

Brasil (ALiB), que torna concreta a produção de um atlas linguístico brasileiro, instaurado a partir do decreto 30.643 de 20 de março de 1952.

Contudo, apesar da variação linguística ser um tema de grande relevância, percebe-se a carência de propostas didáticas que promovam no ambiente escolar o contato com os estudos de variação linguística, de modo que essa discussão possa ir além da teoria tornando-se, assim, algo palpável. Segundo Possenti (1996, p. 15),

Espera-se que os especialistas tragam propostas "práticas". Em geral, um pesquisador não fornece tais programas. Nem adiantaria fazê-lo. É que, para que o ensino mude, não basta remendar alguns aspectos. É necessário uma revolução. No caso específico do ensino de português, nada será resolvido se não mudar a concepção de língua e de ensino de língua na escola (o que já acontece em muitos lugares, embora às vezes haja discursos novos e uma prática antiga).

Partindo dessa premissa, com o intuito de ampliar o portfólio de materiais disponíveis, o objetivo principal do trabalho é desmistificar o ensino de variação linguística nas aulas de Língua Portuguesa. Para tal propósito, esse trabalho irá buscar ainda: apresentar uma proposta de sequência didática para o ensino da variação linguística em sala de aula com base nos dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil, conceituar variação linguística, bem como promover a leitura e a compreensão de gêneros textuais diversos.

Dessa maneira, o artigo está dividido em cinco momentos. Inicialmente, será apresentado um breve recorte histórico dos estudos dialetológicos. Em continuidade, serão abordadas questões com relação ao ensino da variação. Em seguida, será descrita a metodologia utilizada para a realização do trabalho. Após os pressupostos metodológicos, será apresentada a proposta didática, assim como o detalhamento e a descrição da mesma. Por fim, a autora irá fazer alguns apontamentos sobre as discussões trazidas ao longo do artigo.

2. A história da Dialetoлогия

As discussões com relação aos estudos dialetológicos não são recentes. Segundo Cardoso (2010, p.27),

O interesse pelo estudo sistemático da diversidade de usos da língua e a evidência de certa preocupação universal com as diferenças dialetais perpassam a história dos povos em todos os momentos, ora como simples constatação, ora como instrumento político auxiliar à luta, ora como mecanismo de descrição das línguas, até finalmente, assumir-se como estudo sistemático, com objeto próprio e metodologia definida, a partir do século XIX. (Cardoso, 2010, p.27)

Para ilustrar a atemporalidade do presente tema, a autora utiliza a passagem bíblica bastante conhecida: a torre de babel. Nessa ocasião, o Senhor confundiu a língua dos habitantes da terra de modo que eles não conseguiam mais compreender uns aos outros:

Os textos bíblicos, para usar de uma exemplificação assaz distanciada no tempo e inteiramente desprovida de preocupação linguístico-científica, trazem passagens que apontam para a diversidade de línguas e de usos, inerentes ao próprio processo de intercomunicação e, dessa forma, presentes no momento em que se estruturam os grupos sociais. (Cardoso, 2010, p.27).

Em outros termos, tratam-se de registros históricos, sem rigor científico, mas que já abordavam, com maestria, o caráter plural e diverso da língua.

Indo mais adiante, rumo a um período de consolidação dos estudos científicos com métodos mais definidos, no capítulo *para uma nova divisão dos estudos dialetais brasileiros*, encontrado na publicação *Documentos II* do Projeto ALiB, Mota e Cardoso (2006) descrevem o início e o desenvolvimento dos estudos dialetológicos. Irão detalhar as fases pelas quais a metodologia de pesquisa Geolinguística passou até assumir o formato pluridimensional pelo qual é conhecida atualmente. Dessa forma, as autoras iniciam fazendo uma breve explanação sobre a dialetologia em Portugal e no Brasil, antecedendo o Atlas Linguístico do Brasil. Com relação aos estudos dialetológicos em Portugal, Mota e Cardoso (2006, p.16 e 17) comparam as divisões feitas por Manuela Barros Ferreira em oposição a José Herculano Carvalho. A primeira faz uma divisão de três períodos na qual se observa uma evolução metodológica. A segunda aponta duas fases caracterizadas por acontecimentos e realizações importantes relacionadas a dois grandes pesquisadores: José Leite de Vasconcelos e Manuel de Paiva Boléo.

No Brasil, encontram-se os recortes históricos realizados por Antenor Nascentes em contraposição à proposta de Cardoso e Ferreira (1994). Nascentes estabelece dois períodos: o primeiro tem início em 1826 com as contribuições de Domingos Borges de Barros publicadas no *Atlas Ethnographique Du Globe* de Adrien Balbi. O segundo é datado de 1920 e segue até hoje, tendo marco inicial na publicação de *O dialeto caipira* de Amadeu Amaral. Vê-se, portanto, que o enfoque dessa periodização são as produções de obras importantes para a pesquisa, assim como a de Herculano, em Portugal.

Cardoso e Ferreira, entretanto, vão mais além, propondo o acréscimo de uma terceira fase com a implementação da lei 30.643, em 1952, na qual foi determinado que uma das principais atividades a serem realizadas no centro de pesquisa Casa de Rui Barbosa seria a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil.

Entretanto, apesar de haver o interesse governamental em incentivar a pesquisa, existiam, ainda, nesse período, alguns entraves que impossibilitaram a realização de um projeto de tamanha amplitude. Entre os fatores de impedimento estão: a questão do deslocamento; a distância das áreas de estudos, que se concentravam nas áreas rurais, sendo locais mais remotos; a quantidade de pesquisadores, insuficiente para atender a demanda de coleta de dados em meio ao extenso território brasileiro; a dificuldade de comunicação e a falta de recursos tecnológicos.

Dessa maneira, porém, foi possível, apenas, a discussão de propostas metodológicas trazidas por Serafim da Silva Neto no *Guia para Estudos Dialectológicos no Brasil* (1957). Ademais, Antenor Nascentes publica a obra *Bases para a elaboração do Atlas Lingüístico do Brasil* (1958). Além disso, foi dado prosseguimento à realização de atlas regionais, mais acessíveis para o momento, como, por exemplo, o *Atlas Prévio dos Falares Baianos*, publicado em 1963.

Diante disso, as pesquisadoras trazem, no artigo, a proposta de uma quarta fase que se inicia em 1996 com a retomada do Projeto Atlas Linguístico do Brasil durante o *Seminário Caminhos para a Geolinguística* realizado na Universidade Federal da Bahia (UFBA), atual sede do projeto. Nesse momento, algumas metodologias foram traçadas, além da organização de uma equipe para coordenar o trabalho.

Com a retomada do projeto em 1996, a Geolinguística passou a tomar rumos diferentes. A pesquisa tomou intensidade, conquistando espaço nas universidades, sendo tema de eventos e trabalhos acadêmicos de diversos tipos. Ademais, a modernidade e a tecnologia passaram a estar presentes como percebe-se no *Atlas Linguístico Sonoro do Pará*, publicado em CD. A língua passa a ser vista sobre outros aspectos. A Dialetoлогия, até então ancorada na metodologia Geolinguística, passa a levar em conta, além das variações por localidade, fatores sociolinguísticos, como, por exemplo, sexo, idade e escolaridade.

Cardoso (2006) vai detalhar no capítulo *o Projeto ALiB e sua trajetória*, ainda em referência à *Documentos II*, um pouco do percurso do Projeto ALiB, que atualmente já se encontra em sua terceira etapa.

No cenário atual do andamento da pesquisa, o ALiB já avançou bastante, atingindo 4.514.144 km² da extensão do território brasileiro. Esse número, segundo Cardoso (2006, p.2), equivale à soma das áreas dos estados da Paraíba, Sergipe, Bahia, Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Pará e Amazonas. Nesse percurso, o Projeto já passou por quatro etapas: a concepção e a definição da metodologia, a constituição do *corpus*, a transcrição em consonância com a análise dos dados e, por fim, a editoração dos dados e a publicação inicial dos resultados.

Na primeira fase, que aconteceu durante o período de 1996 a 2002, foram definidas “a rede de pontos, o número de informantes e o instrumento básico de trabalho – os questionários (...)”, conforme explica Cardoso (2006, p 30). A segunda ocorreu entre 2001 e 2006, e está relacionada à coleta de dados nas localidades. A terceira, ainda ligada à segunda, durou o período de 2004 e 2009, concentrando-se na transcrição grafemática e fonética das informações coletadas. Por fim, a última fase caracteriza-se pela:

(...) divulgação dos resultados com a apresentação de um mapeamento lingüístico do Brasil, acompanhado de comentários às cartas e da possibilidade de ouvirem-se os informantes. (Cardoso, 2006, p.32)

O trabalho, portanto, ainda continua. A equipe segue perseguindo as metas, trabalhando com muito esforço, tendo tido apoio das instituições de ensino universitário das quais os membros do comitê fazem parte, assim como outras que, ao longo do tempo, se associaram ao Projeto, a exemplo da Universidade Federal Rural de Pernambuco.

3. Variação linguística e ensino

A palavra variação refere-se a algo que é distinto, plural, mutável, inconstante, heterogêneo. Segundo Almeida e Bortoni-Ricardo (2023, p.22),

A linguagem é, por natureza, um objeto sujeito a alterações, por ser uma parte constitutiva do ser humano e da cultura na qual este se insere. Ora, se o homem está sempre evoluindo, mudando sua aparência, suas ideias, seus valores, bem como a sociedade na qual ele se inscreve, é perfeitamente normal haver variações e mudanças linguísticas. (Almeida; Bortoni-Ricardo, 2023, p.22)

No dicionário Michaelis (2024), encontram-se cerca de treze definições para o termo. Entre elas, destacam-se as seguintes: “ato ou efeito de variar”, “inconstância ou variedade de princípios, de sistemas etc.”, “mudança ou alteração de algo”, “a parte de uma palavra que admite flexão; mudança”.

Esse processo, como é perceptível, também ocorre com a língua. Complementando a definição de Michaelis (2024), “a parte de uma palavra que admite flexão; mudança”, é possível ir mais além ao falar da variação de um vocábulo em seu todo. Em cada local de nosso país, palavras diferentes podem significar o mesmo, bem como uma nomenclatura que era utilizada para dar nome a algo antes não é a mesma hoje. Conforme Paim (2019, p.63),

A variação linguística é o fenômeno inerente a todas as línguas e corresponde as diferentes formas de se dizer o mesmo com o mesmo valor de verdade num determinado contexto comunicativo, ou seja, é o fenômeno de a língua ser diversa, heterogênea. (Paim, 2019, p.63)

Pode-se afirmar que a variação não pode ser tratada como algo sem relevância, ou simplesmente ignorá-la ao estudar uma língua. Não se trata, também, de uma particularidade apenas do português brasileiro, doravante PB, é um caráter comum a todas as línguas do mundo. Ademais, mesmo com todas as formas distintas de se dizer o mesmo, todas elas estão corretas, o que importa é a adequação ao contexto comunicativo, em outros termos, o ato de falar e ser compreendido, além de compreender o que o outro diz. De acordo com Almeida e Bortoni-Ricardo (2023, p.16):

O estudo da língua não deve vir dissociado da cultura do grupo que a utiliza, o que muito pode contribuir para o ensino da língua na escola, uma vez que o professor, ao se propor a ensinar a Língua Portuguesa nas escolas brasileiras, de acordo com essa premissa, deve representar toda sua postura relativa à língua, considerando a forma linguística e os aspectos culturais dos alunos com que vai lidar”. (Almeida; Bortoni-Ricardo, 2023, p. 16)

Por isso, é fundamental que o conhecimento das variações do PB seja amplamente divulgado através de pesquisas, estudos, assim como seu ensino nas escolas, para que a falta de conhecimento da diversidade lexical, fonético-fonológica, entre outras, não ocasione barreiras comunicacionais entre os próprios falantes, assim como elimine estigmas e preconceitos resultantes.

As diferenças no falar dos brasileiros estão associadas a fatores externos, elas são influenciadas pelo contexto social no qual os falantes estão inseridos. Ao estudar os modos de falar, é indispensável pensar na naturalidade dos informantes, no ciclo de pessoas do qual eles fazem parte, sua idade, sua escolaridade, seu trabalho, suas crenças, e sua percepção de mundo:

Afinal, todas as relações que se estabelecem com os outros são moldadas pelo meio cultural ao qual cada um pertence, isto é, as percepções, as convicções, os comportamentos, as atitudes e os modos de posicionamento estão impregnados em diferentes arenas culturais às quais os indivíduos pertencem. A família, a escola, a classe social, a religião, a nação podem pressupor procedimentos, rituais, comportamentos e crenças que lhes são particulares. (Paim, 2019, p.11)

Dessa maneira, afirma Paim (2019, p.40), “a língua pode variar em muitos aspectos. Um dos mais evidentes deles é o regional/geográfico, ou seja, as diferenças dos falares de um lugar (região) para outro”. Quanto à forma, Paim (2019) classifica-as em: fonético-fonológica, morfossintática, semântico-lexical, diacrônica ou histórica, estilístico-pragmática e variação social ou diastrática.

A fonético-fonológica é aquela que apresenta os diferentes sotaques das regiões do Brasil. Sobre essa variação, Paim (2019, p. 63) levanta a seguinte reflexão: “você já parou para pensar nas distintas possibilidades de pronúncias, no português brasileiro, da palavra: “joelho”?” Esse é apenas um dos exemplos. Ademais, algumas localidades vão utilizar vogal aberta ou fechada ou utilizar o “r” retroflexo ao pronunciar “porta”.

Em paráfrase a Paim (2019, p.64), existem diversas formas de tratar a outra pessoa, sendo assim, a variação morfossintática está relacionada à escolha dos pronomes para referir-se ao ouvinte, como é o caso do *tu* ou *você*. Em algumas regiões, será dada a preferência a uma em detrimento da outra.

A semântico-lexical é aquela que se refere às diferentes escolhas de vocabulário que cada comunidade de fala ou moradores de cada localidade utiliza para definir um mesmo objeto. Um exemplo são os termos *jerimum* e *abóbora*.

Diacrônica ou histórica é aquela que trata a respeito das mudanças no falar que foram ocasionadas pelo tempo, termos que são utilizados hoje que não eram antes ou vice-versa. Conforme Paim (2019, p.69),

é a que designa as diversas manifestações da língua através dos tempos. É evidente que as mudanças que ocorrem nunca são repentinas, não se dão em saltos bruscos. Há geralmente um período de transição, onde é possível encontrar variação sincrônica entre duas ou mais formas concorrentes, acabando uma delas por prevalecer. (Paim, 2019, p.69)

Ademais, existe também a variação estilística, aquela que sofre a interferência do ambiente onde o locutor está presente ou com quem está falando. Em algumas situações, irá exigir do falante mais formalidade que outras. Em outros termos “é a que fica explícita quando os enunciados se adequam ao contexto comunicativo mais ou menos formal” (Paim, 2019, p.67). A forma de expressar-se é diferente, por exemplo, em casa, conversando com a família ou amigos próximos, assim como quando o falante está em uma entrevista de emprego ou apresentando um trabalho

em um evento acadêmico. Para essa situação, é fundamental que o indivíduo seja capaz de adequar-se aos diversos contextos.

Por outro lado, existem as variações sociais, tais como a de faixa etária, localização geográfica, escolaridade, gênero ou sexo. Cada grupo, como dito anteriormente, possui marcas em seu falar, fruto de suas vivências, das suas crenças, da sua cultura, e do ambiente em que vive.

Dessa maneira, por exemplo, a variação por faixa etária é aquela que estuda as diferenças e semelhanças entre o falar dos mais jovens e os mais velhos. A variação geográfica identifica a presença ou não de um item lexical em comparação com outro, em um determinado lugar. A variação de gênero ou sexo, por seu turno, aponta a diferença entre o falar dos homens e das mulheres. Essas marcas podem ser percebidas nos discursos produzidos em contextos reais de fala conforme ilustrado nos trechos de inquérito do banco de dados do ALiB.

Exemplo 1:

INQ³.– E quem é que fala assim? Pessoas mais idosas, pessoas mais jovens?

INF⁴.– Posso te falar quem é que me fala, as pessoas que são do Norte.

INQ.– Ah!

INF.– Normalmente, que eu tenho muitos amigos, né? E eu tenho certeza quando a pessoa que fala é do Norte.

(São Paulo, mulher, faixa etária II, ensino fundamental)

No primeiro exemplo, quando a entrevistada foi questionada sobre como se chama uma pessoa que já morreu, ela afirma que pessoas do Norte é que falam dessa maneira. Em sua concepção, usar termos como *falecido* ou *finado* para nomear alguém que já morreu é uma marca de pessoas dessa região.

Exemplo 2:

INQ.– Às vezes, numa conversa, pra falar, por exemplo, de uma pessoa que já morreu, eh...em geral as pessoas num tratam pelo nome, evitam dizer o nome dela. Como é que se refere a essa pessoa?

INF.– *Falecido*, mas também é uma coisa antiga, né? Acho que não fala mais assim.

INQ.– *Falecido*, outras expressões? Você não usaria essa?

INF.– Não, nem *falecido* eu não usaria, eu sei que usa bastante, eu já ouvi muito, mas eu não usaria, falaria o nome.

INQ.– Associaria talvez a pessoas mais antigas?

³ Inquiridor. A pessoa que está entrevistando.

⁴ Informante. A pessoa que está sendo entrevistada

INF.– Eu acho que sim, eu associaria sim.

(São Paulo, Mulher, faixa etária II, universitária)

Em contrapartida, no segundo exemplo, a colaboradora afirma que, apesar de conhecer o termo, não tem o costume de utilizá-lo e prefere apenas falar o nome da pessoa. Ela associa a palavra *falecido* ao vocabulário das pessoas mais antigas.

Exemplo 3:

INQ.– A peça do vestuário que serve pra segurar o seio.

INF.– *Sutiã*.

INQ.– Falava alguma outra coisa antigamente?

INF.– *Corpete*.

(Itanhaém, mulher, faixa etária II, ensino fundamental)

No terceiro exemplo, a informante utiliza o termo *sutiã*, inicialmente. Entretanto, em seguida, quando a inquiridora pergunta se há alguma forma antiga de falar, a mulher responde *corpete*, indicando uma variante que era mais utilizada no passado.

Exemplo 4:

INQ.– E aquilo que as mulheres passam no rosto, na bochecha, pra ficar rosadinho.

INF.– Ah, eu usava *pó de arroz*, *ruge*, é *base*, só, *blush*, ah, não, *blush* já é de agora, né?

(Caraguatatuba, mulher, faixa etária II, ensino fundamental)

No quarto exemplo, percebe-se uma marca característica do falar dos idosos: a comparação entre presente e passado. Ela afirma que usava *ruge*, mas que *blush* é de agora.

Exemplo 5:

INQ.– E aquilo que as mulheres passam assim, no rosto, pra ficar rosado?

INF.– É... o quê? *Talco*? Eu não lembro o nome.

INQ.– Não lembra?

INF.– *Pó de arroz*.

INQ.– Hum.

INF.– É o *pó*, porque o arroz.

INQ.– E aquele pra ficar bem rosada, tem outro nome ou é o mesmo?

INF. – Eu tou falando, eu acho que

CIRC.⁵– Pode contar, cê tem na sua casa.

INF.– Mas o que pode contar, sô? Ah, sim, não, *pó de arroz* eu não uso, eu não sei, eu não conheço porque eu não tenho, eu não uso isso aí.

(Itanhaém, homem, faixa etária II, ensino fundamental)

No exemplo 5, ao ser questionado sobre o produto que as mulheres passam no rosto, a primeira resposta do falante é *talco*, *pó de arroz*. Essa dificuldade em associar o produto ao termo *blush* ou *ruge* é muito frequente no falar dos homens, apesar de ocorrer também na fala das mulheres. O informante utiliza termos mais gerais em vez de especificar. Isso ocorre por ser um item que não faz parte de seu acervo lexical. Ele afirma não conhecer pois não usa. Além disso, percebem-se os tabus culturais relacionados ao assunto quando o colega faz uma brincadeira com ele.

Exemplo 6:

INQ. – E a peça de vestuário que serve para segurar os seios?

INF. – É sutiã. Minha vó falava *porta-seio*, né? (risos)

(Lavras, mulher, faixa etária I, fundamental)

No sexto exemplo, está presente, mais uma vez, a comparação entre presente e passado. Nesse caso, a jovem da primeira faixa etária, recorda um termo que era utilizado pela sua vó: *porta-seio*.

Exemplo 7:

⁵ Pessoa que estava presente no local da entrevista.

INQ. – O que a mulher usa pra ficar corada?

INF. – *Pintura*, né?

INQ. – Tem um nome?

INF. – Tem um...antigamente falava *pó de arroz*, agora é...

INQ. – Os homens nunca sabem o que a gente usa (risos)

(Muriaé, homem, faixa etária II, fundamental)

No sétimo exemplo, o homem utiliza um termo geral, *pintura*, para responder. Também é possível observar novamente a alusão temporal no trecho “antigamente falava pó de arroz”.

Pode-se afirmar, portanto, que no PB não existe apenas um, mas vários dialetos. Por isso, conforme mencionado, são tão essenciais os estudos dialetológicos, para divulgar a realidade linguística do Brasil, formar profissionais capacitados para inovar e levar o tema para sala de aula, eliminando, assim, os estigmas impostos pela sociedade.

Pensando na importância do ensino de variação linguística nas escolas, documentos como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018) já exigem que o currículo proporcione, aos alunos, o domínio desse conhecimento. Observa-se, por exemplo, no ensino médio, a seguinte competência:

(EM13LP17) Analisar o fenômeno da variação linguística, em seus diferentes níveis (variação fonético-fonológica, lexical, sintática, semântica e estilístico-pragmática) e em suas diferentes dimensões (regional, histórica, social, situacional, ocupacional, etária etc.), de forma a ampliar a compreensão sobre a natureza viva e dinâmica da língua e sobre o fenômeno da constituição de variedades linguísticas de prestígio e estigmatizadas, e a fundamentar o respeito às variedades linguísticas e o combate a preconceitos linguísticos. (Brasil, 2018, p.500)

Desse modo, uma proposta de ensino de língua deve abranger, portanto, as mais diversas variações. Ademais, o contato com os mais diversos dialetos pode criar um ambiente de respeito e troca cultural, além de desenvolver no aluno a estima por seu próprio modo de falar.

Entretanto, segundo Almeida e Bortoni-Ricardo (2023 p.7), apesar da variação ser um fenômeno natural das línguas, “tal fato não é compreendido pela grande maioria da população brasileira que acredita ser a língua do Brasil um objeto homogêneo, inflexível”. Apesar da existência de estudos teóricos com relação ao assunto, as escolas ainda estão centralizadas apenas no ensino das regras prescritas pela gramática tradicional. Conforme Almeida e Bortoni-Ricardo (2023, p.8):

No meio escolar, na maioria das vezes, a diversidade da língua é também ignorada, pois falta preparo teórico-metodológico para o professor lidar com um fenômeno comum, não aceito, entretanto pela sociedade. Dada tal

situação, é crucial uma alteração na tarefa do profissional que lida didaticamente com a língua portuguesa no Brasil, uma vez que os estudos sobre a diversidade linguística brasileira já avançaram consideravelmente. (Almeida; Bortoni-Ricardo, 2023, p.8).

Em outros termos, ainda persiste o predomínio da dicotomia do “certo” e “errado”. Essa concepção nasce do preconceito linguístico, por meio do qual se atribui à norma ensinada pela gramática normativa, o prestígio, ao passo que o falar popular é marginalizado. Segundo Almeida e Bortoni-Ricardo (2023, p.18), “(...) é conveniente tratar o ensino da língua abandonando a dicotomia “certo” e “errado”, vigente há muito tempo na nossa sociedade”. Ademais, também enfatizam as autoras, “caberia à escola promover ao aluno o acesso a todos os bens culturais, inclusive o linguístico” (Almeida; Bortoni-Ricardo, 2023, p. 17).

Com relação a essa questão, Paim (2019, p.74, grifo da autora) ressalta:

(...) não se pode perder de vista que a pluralidade das variações presentes na Língua Portuguesa é um fato. *Tudo é diverso no universo*. O Português é prolífero em variedades de uso. Restringir-se, pois, à “norma culta”, a uma língua padrão inflexível, implica vilipendiar elementos imanentes à comunicação entre seus usuários: sua região de origem, o grupo social no qual está inserido, sua idade e sexo, sua noção da necessidade de se expressar de forma mais ou menos formal para atingir plenamente a sua eficiência comunicativa. (Paim, 2019, p.74)

Nesse sentido, cabe às instituições de ensino proporcionar, aos alunos, o contato com todas as normas da língua, afinal, “(...) ambas se enriquecem pelo contato de seus usuários, e, como se sabe, essa é uma das causas que levam à variação linguística” (Paim, 2019, p.33). Segundo Oliveira (2017, p.442):

É exatamente no sentido de combater essa crença que a Sociolinguística exerce um trabalho reflexivo na sala de aula para reduzir esse olhar discriminatório sobre a língua. Assim, ao invés de estigmatizar e tentar substituir o dialeto dos educandos, os professores de português devem buscar ampliar sua competência linguística. Aulas de língua materna que tenham esse objetivo educacional, além de combater o preconceito linguístico, capacitam os alunos para usarem a variedade linguística mais adequada a cada situação comunicativa, ou seja, capacitam-nos para conseguirem adequar a língua ao contexto de uso. (Oliveira, 2017, p.442)

Deve-se, portanto, ensinar, tanto a norma proposta pela gramática normativa, como reconhecer aquela já internalizada pelo aluno desde a infância, tendo em vista que o aluno já chega na escola com seu próprio repertório linguístico, pois “Ora, se abrissemos os ouvidos, se encarássemos os fatos, eles nos mostrariam uma coisa óbvia: que todos os que falam sabem falar” (Possenti, 1996, p.28). Isso se aplica, inclusive, às pessoas que não utilizam a norma de prestígio:

Os brasileiros cuja situação social e econômica não lhes permitiu que estudassem muitos anos (às vezes, nenhum) falam o tempo todo. É claro,

falarão como se fala nos lugares em que eles nascem e vivem, e não como se fala em outros lugares ou entre outro tipo de gente. Logo, falam seus dialetos. Logo, sabem falar. (Possenti, 1996, p. 28-29)

Em concordância com o que afirmam Possenti (1996) e Oliveira (2017), Paim (2019, p.61) ressalta:

Tanto a Dialetologia como a Sociolinguística podem ajudar os professores de língua portuguesa sobre a importância de ensinar a norma padrão sem depreciar da linguagem familiar do estudante. Para isso, o professor de língua portuguesa deve oportunizar o domínio de uma ou outra maneira de falar o dialeto padrão aos seus alunos, sem que isso signifique a estigmatização do uso linguístico que predomina em seu âmbito familiar, em seu grupo social. (Paim, 2019, p.61)

Ou seja, todo dialeto é válido. Todas as escolhas lexicais são essenciais para a comunicação, desde que todos compreendam e sejam compreendidos ao transmitir uma mensagem. Elas, devem, portanto, ser reconhecidas, como parte constituinte da identidade de uma coletividade. Nesse aspecto, os estudos dialetais são, portanto, indispensáveis para o alcance desse propósito.

3. Metodologia

O primeiro passo para a realização deste trabalho foi a leitura, aliada ao fichamento de artigos, para a construção do referencial teórico. Para isso, obras de Possenti (1996), Cardoso (2010), Oliveira (2017), Paim (2019), e Almeida e Bortoni-Ricardo (2023) foram tomadas como base. Outrossim, também foi feita a consulta a dicionários *online* como Michaelis (2024), assim como a documentos oficiais como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018). Esses escritos contribuíram para a definição de variação linguística, a conceituação dos estudos dialetológicos, além de nortear a discussão referente ao ensino de variação nas escolas. Para o desenvolvimento do contexto histórico, tomou-se como referência a publicação *Documentos 2* de Mota e Cardoso (2006).

Inicialmente, foi feita uma seleção de dados (gráficos, cartas linguísticas que poderiam ser utilizadas para discussão em sala de aula). Esses materiais fazem parte do Banco de Dados do ALiB. São recortes dos resultados encontrados durante a pesquisa realizada por Cardoso e Paim (2021, 2022 e 2023), relativos às localidades de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro.

Esses estudos estão em consonância com o método da Geolinguística pluridimensional, que busca identificar e cartografar registros de variação linguística. Essa metodologia prioriza o estudo dentro de uma perspectiva espacial, em outros termos, a variação de acordo com cada região. Em contrapartida, atualmente, considera também os aspectos sociais da língua, citados anteriormente. Ademais, trata-se de observar, não só quantitativamente, mas também qualitativamente, as informações adquiridas a partir de um contexto real de fala.

Nesse sentido, foram realizadas entrevistas *in loco*, por profissionais devidamente capacitados, as quais estão disponíveis no banco de dados do ALiB. Exige-se que os informantes sejam do sexo feminino e masculino, das faixas etárias I e II (18-30 e 50-65 anos), de escolaridade fundamental e universitária (apenas nas capitais). Esses informantes devem ser naturais dessas localidades. Nesse processo, foram trabalhadas questões relacionadas aos ciclos da vida, assim como ao vestuário e acessórios. Ambas temáticas podem ser encontradas no questionário semântico-lexical do ALiB.

Em São Paulo, foram coletadas as respostas de 51 informantes⁶ das localidades de Guaratinguetá, Itapetininga, Sorocaba, São Paulo, Caraguatatuba, Itararé, Capão Bonito, Itanhaém, Santos, Ribeira, Registro e Cananéia. Em Minas Gerais, por seu turno, foram analisadas as informações concedidas por 43 Informantes⁷ pertencentes às localidades de Ipatinga, Passos, Formiga, Ouro Preto, Viçosa, Lavras, São João del Rei, Muriaé, Poços de Caldas, Juiz de Fora e Itajubá. Por fim, no Rio de Janeiro, foram coletadas as respostas dadas por 32 informantes pertencentes às localidades de Petrópolis, Nova Iguaçu, Rio de Janeiro, Niterói, Arraial do Cabo, Barra Mansa e Parati.

Os colaboradores são do sexo feminino e masculino, das faixas etárias I e II (18-30 e 50-65 anos, respectivamente), de escolaridade fundamental e universitária (apenas nas capitais). O plano de trabalho da pesquisa de iniciação científica enfatizou as questões do questionário semântico lexical do ALiB, referentes aos ciclos de vida (QSL 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130,131, 134,135), e de vestuário e acessórios (QSL 188,191). Entretanto, no presente artigo, foi dado o enfoque às questões 131, 135, 188, 191: “como se chama o filho que nasceu por último?” (Comitê Nacional, 2021, p.31); “Numa conversa, para falar de uma pessoa que já morreu, geralmente as pessoas não a tratam pelo nome que tinha em vida. Como é que se referem a ela?” (Comitê Nacional, 2021, p.32); “Como se chama a peça de vestuário que serve para segurar os seios?” (Comitê Nacional, 2021, p.37) “Como se chama aquilo que as mulheres passam no rosto, nas bochechas, para ficarem mais rosadas?” (Comitê Nacional, 2021, p.37).

Além dos dados do ALiB, também foram selecionados um cordel e uma tirinha para auxiliar na apresentação dos conceitos de variação e preconceito.

Após a etapa de seleção de materiais, foram realizados o planejamento e a elaboração de uma sequência didática intitulada “A variação lexical do português brasileiro”.

4. Proposta didática

A proposta didática, intitulada *A variação linguística do português Brasileiro*, foi elaborada para implementação nas turmas de ensino médio. Consiste numa sequência didática com duração de 4 horas-aula. Está, desse modo, dividida em quatro etapas, cada uma delas com duração de 50 minutos. O objetivo é levar os dados do Projeto ALiB de modo que os alunos possam conhecer a diversidade

⁶ O objetivo inicial era analisar as respostas de 52 informantes, entretanto, não foi possível devido a problemas técnicos com o áudio de um dos informantes, o que impossibilitou a extração da resposta.

⁷ Inicialmente seriam 44, entretanto, o áudio do informante 142-3 estava incompleto, o que impossibilitou a coleta das respostas.

linguística do país, assim como debater temas como preconceito linguístico, variação diageracional e diassexual.

4.1 Primeira etapa: (1 hora/aula – 50 minutos)

Objetivos:

I - Recordar aspectos geográficos do Brasil associando aos aspectos linguísticos e sociais.

II- Levar os alunos a refletirem sobre a diversidade linguística do português brasileiro.

III - Observar um gráfico de variação espacial, a partir da questão 131: o filho que nasceu por último.

Conteúdos:

I- Geografia linguística.

II- Conceito de variação e preconceito linguístico.

III- Introdução à leitura de gráficos.

Metodologia:

I- A professora faz uma breve revisão sobre os aspectos geográficos do país (extensão territorial, estados e capitais, população). A partir disso, ela inicia o debate com as seguintes perguntas: Todas as pessoas que vivem aqui falam igual? Você conhece alguém que fala diferente?

II - A docente apresenta os conceitos de variação e preconceito linguístico. Ela escreve no quadro as definições e pergunta: Vocês já ouviram falar em variação? Vocês já ouviram falar em preconceito linguístico? A partir do debate, a professora explica os significados. Em seguida, será feita a leitura de uma tirinha de Chico Bento (figura I). Vocês conseguem perceber a variação linguística nessa tirinha? Existe uma atitude de preconceito com relação à fala do outro? A professora divide os alunos em grupos e distribui as fichas com o cordel *o dicionário cearencês* (anexo I), de Josenir Amorim Alves, para que eles acompanhem a leitura enquanto escutam a representação do texto por Bráulio Bessa no vídeo *Dialeto Nordestino - Uma resposta ao preconceito*. Em seguida será feito um debate: O que vocês acharam do texto? Vocês conheciam essas expressões? Vocês poderiam dar algum outro exemplo? Qual sua opinião sobre o preconceito com as pessoas que falam diferente? Como esse problema poderia ser resolvido?

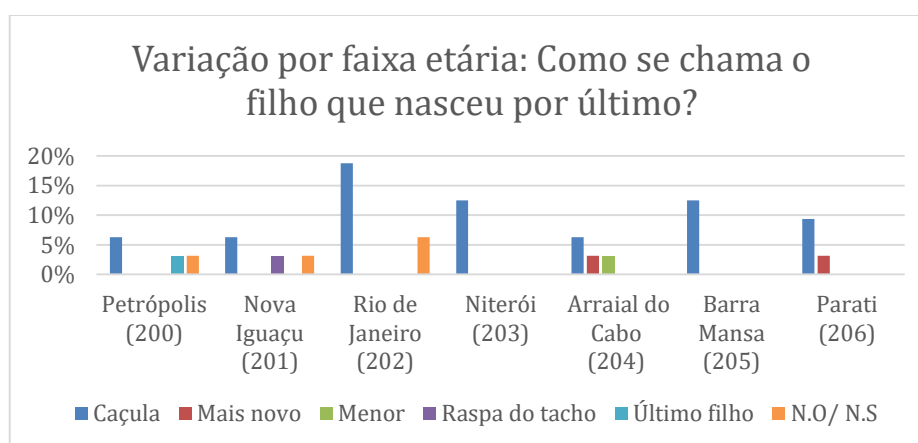
III- A professora pergunta: Você tem irmãos? Se sim, você é o mais velho, o do meio ou é que nasceu por último? Quais nomes dão ao filho que nasceu por último? Em seguida, a professora apresenta um gráfico da questão 131 (gráfico 1). Ela explica o que é, para que serve, características: legendas, divisão por localidade, respostas.

Figura 1- Tirinha de Chico Bento sobre variação e preconceito linguístico



Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/98218908/preconceito-linguistico>.

Gráfico 1 - Denominações para o filho que nasceu por último: variação diageracional



Fonte: dados do ALiB/ elaboração própria

Materiais didáticos: Slides, recursos audiovisuais, quadro, apagador, piloto e fichas de leitura.

Métodos avaliativos:

- I- Participação.
- II- Capacidade de retomada de conhecimentos prévios.
- III- Observação do interesse e compreensão.

Tempo:

- I- 10 minutos.
- II- 30 minutos.
- III- 10 minutos.

4.2 Segunda etapa (1 hora/aula – 50 minutos)

Objetivos:

I- Conceituar variação diassexual.

II- Observar e analisar uma carta linguística de variação diageracional com as respostas para a questão 191: Qual o produto que as mulheres passam na bochecha para ficarem rosadas?

Conteúdo:

I- Variação diassexual: o falar dos homens e das mulheres.

II- Cartografia.

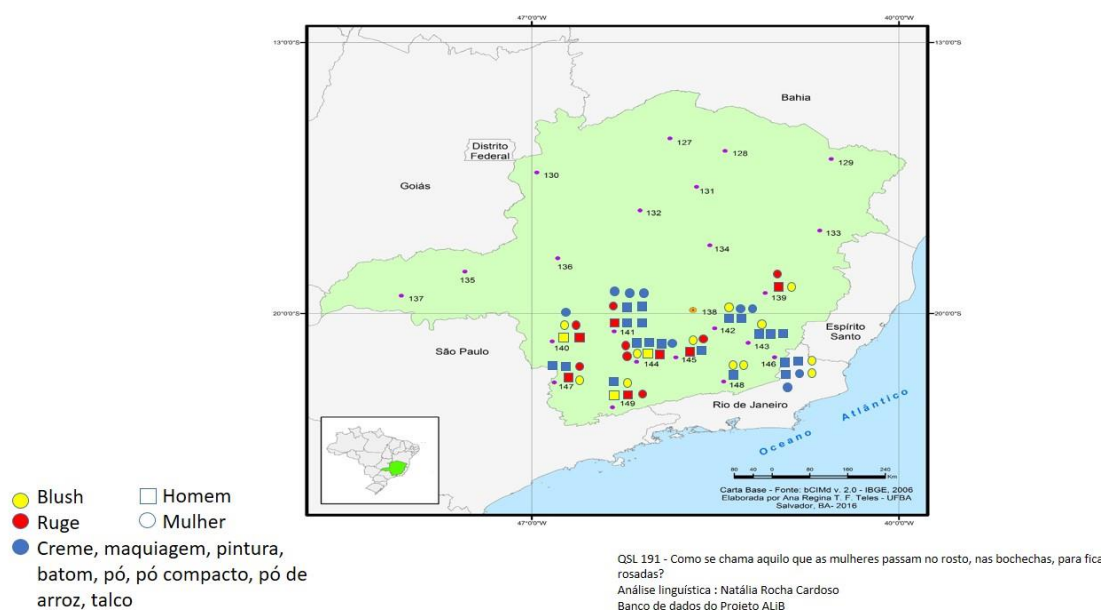
III- Introdução à atividade final.

Metodologia:

I - A professora apresenta dois objetos: *pó* e *blush*. Primeiro pergunta aos meninos se eles sabem o que é e para que serve cada um deles. Depois pergunta às meninas. A partir das respostas, ela pergunta: meninos e meninas falam diferente? Dessa maneira, a professora explica o que é variação diassexual.

II- A professora projeta no quadro a carta linguística referente à questão 191 (carta linguística 1). Ela explica as características: o que é, para que serve, símbolos, legendas. Na sequência, fará a análise junto com os estudantes. Em seguida, vai ler, com eles, um trecho de inquérito (exemplo 8) e interpretar: Nesse discurso, vocês conseguem perceber elementos que indicam que a pessoa não sabe responder à pergunta? Por que você acha que isso ocorre?

Carta linguística 1 -Variação diassexual: denominações para o produto que as mulheres passam na bochecha para ficarem rosadas



Fonte: Teles (2016) / Bancos de dados do ALIB/ Elaboração própria.

Exemplo 8:

INQ. – O que a mulher usa pra ficar corada?

INF. – *Pintura*, né?

INQ. – Tem um nome?

INF. – Tem um...antigamente falava *pó de arroz*, agora é...

INQ. – Os homens nunca sabem o que a gente usa (risos)

(Muriaé, homem, faixa etária II, fundamental)

III- A professora anota no quadro, ou projeta, e explica a atividade (anexo 3) que eles deverão responder e entregar ao final das aulas. O propósito é que eles atuem como investigadores. Eles terão tempo para tirar todas as dúvidas.

Materiais didáticos: *Pó, blush, slides*, projetor, quadro, piloto e apagador.

Método avaliativo:

I- Retomada de conhecimentos prévios.

II- Participação.

III- Respostas de acordo com o comando da questão.

Tempo:

I- 20 minutos.

II- 20 minutos.

III- 10 minutos.

4.3 Terceira etapa (1 hora/aula – 50 minutos):

Objetivos:

I- Conceituar variação diageracional.

II- Ler e interpretar as cartas linguísticas.

III- Analisar e interpretar trechos de inquéritos.

Conteúdo:

I - Variação diageracional.

II- Análise das cartas linguísticas de variação diageracional referente às questões 188 e 191: a peça de vestuário que serve para segurar os seios e o produto que as mulheres passam no rosto para ficarem rosadas.

III- Interpretação e análise de trechos de inquéritos.

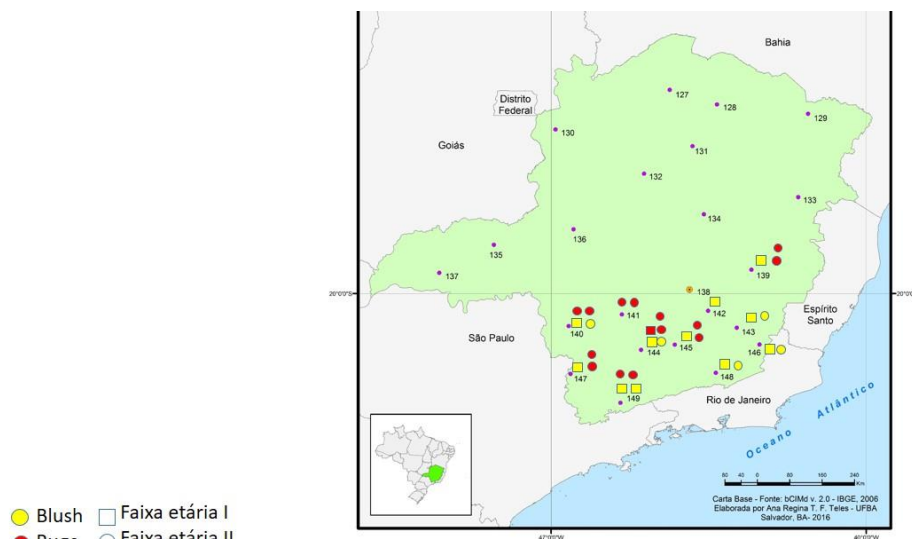
IV- Explicação da atividade.

Metodologia:

I- A professora inicia a aula fazendo a pergunta: Vocês acham que os mais idosos falam diferente das pessoas de sua faixa etária? Existe alguma expressão utilizada por seu avô, avó ou outra pessoa idosa que você não conhece. A partir disso, a docente explica o conceito de variação diageracional.

II- Os alunos, em conjunto com a professora, irão analisar uma carta linguística de variação diageracional referente à questão 191 (carta linguística 2).

Carta linguística 2 - A variação diageracional: denominações para o produto que as mulheres passam no rosto, na bochecha, para ficarem rosadas



QSL 191 - Como se chama aquilo que as mulheres passam no rosto, nas bochechas, para ficar rosadas?
Análise linguística : Natália Rocha Cardoso
Banco de dados do Projeto ALiB

Fonte: Teles (2016) / Banco de dados do ALiB/ Elaboração própria

III- A professora destaca alguns elementos do falar dos idosos (comparação entre presente e passado por meio de advérbios de tempo). Ela explica que eles irão fazer a leitura de trechos de entrevistas (Exemplos 9 e 10). Após a leitura, ela questiona: Vocês perceberam, nessas falas, as marcas do falar das pessoas mais velhas? Quais elementos indicam isso? Quais são os marcadores temporais presentes que indicam comparação entre presente e passado?

IV- A professora anota no quadro ou projeta a atividade novamente e tira dúvidas.

Exemplo 9:

INQ.– E aquilo que as mulheres passam no rosto, na bochecha, pra ficar rosadinho.

INF.– Ah, eu usava *pó de arroz*, *ruge*, é *base*, só, *blush*, ah, não, *blush* já é de agora, né?

(Caragatatuba, mulher, faixa etária II, ensino fundamental)

Exemplo 10:

INQ.– A peça do vestuário que serve pra segurar o seio.

INF.– *Sutiã*.

INQ.– Falava alguma outra coisa antigamente?

INF.– *Corpete*.

(Itanhaém, mulher, faixa etária II, ensino fundamental)

Materiais didáticos: Quadro, slides, piloto e apagador.

Métodos avaliativos:

- I- Capacidade de retomada de conhecimentos prévios.
- II- Participação.
- III- Capacidade de interpretação textual.
- IV- Realização da atividade atendendo ao comando das questões.

Tempo:

- I- 10 minutos.
- II- 15 minutos.
- III- 20 minutos.
- IV- 5 minutos.

Quarta etapa (1 hora/aula – 50 minutos):

Objetivos:

- I- Entregar a avaliação final.
- II- Revisar conteúdo.

Conteúdo:

- I - Entrega das atividades.
- II- Revisão: *Kahoot*.

Metodologia:

- I- A professora recolhe as atividades. Os alunos poderão ficar à vontade para perguntar ou tirar dúvidas, relatar a experiência, se tiveram dificuldades ou não.
- II- Eles se reunirão em grupos, com um representante que tenha celular, e darão início ao Kahoot (anexo II). O jogo terá 10 perguntas e a equipe vencedora ganhará premiação (BIS ou Caixa de chocolate, mas terão que dividir). Em cada questão, se necessário, a professora faz explicações.

Material: Quadro, slides, apagador e piloto.

Método avaliativo

- I- Realização de atividade escrita.
- II- Capacidade de retomada de conhecimentos prévios.

Tempo:

- I- 20 minutos.
- II- 30 minutos.

Considerações finais

O português brasileiro não é uma língua homogênea. É papel da escola, portanto, preocupar-se com essas variedades da língua. Isso não implica, entretanto,

dizer que a gramática normativa não deve ser ensinada na escola. Os alunos precisam ter acesso a todas as variações do português brasileiro para que, assim, sejam capazes de comunicarem-se em qualquer contexto, adequando seu falar a cada situação. Essa perspectiva permite a divulgação da realidade do idioma, assim como elimina preconceitos advindos do conceito de certo e errado. Aliás, documentos como a Base Nacional Comum Curricular, a título de ilustração, já apresentam propostas de ensino da variação.

Quando se pensa em ensino da língua não se pode deixar de considerar que a mesma é influenciada pelo contexto social do falante: suas crenças, atitudes, naturalidade, faixa etária, sexo, escolaridade, trabalho, entre outros. Esses fatores fazem parte da identidade do indivíduo. Sua fala foi internalizada desde os primeiros anos de vida. Antes de ir para escola, a criança já sabe construir frases repletas de sentido.

Os estudos de variação linguística estão em evidência desde os primórdios, podendo, dessa maneira, ser encontrados desde o período histórico bíblico. Apesar de, nesse tempo, ainda não existir uma metodologia científica delimitada, esse registro mostra o quão fundamental e atemporal é essa discussão. Com o passar do tempo, os estudos dialetológicos vão tomando forma até atingir a dimensão atual. No Brasil, através do Projeto ALiB, essas pesquisas já se encontram em fase de desenvolvimento, por meio da transcrição das entrevistas e da cartografia de dados. Além disso, há reflexões sobre os dados do Projeto ALiB em livros, artigos e publicações de grande relevância para difusão da variação, o que contribui para a formação de profissionais capacitados para trabalhar esse conteúdo em sala de aula.

Assim sendo, a sequência didática apresentada vem somar-se a outros materiais didáticos que podem vir a funcionar como ferramentas para auxiliar professores em sua prática. Por meio dela será possível trabalhar a variação a partir de multimodalidades de textos. Contempla, por conseguinte: entrevistas, cordel, tirinhas, gráficos e cartas linguísticas. Enfatiza, também, o caráter interdisciplinar do ensino de língua materna, envolvendo áreas como Geografia, Sociologia e Matemática. Além disso, poderá estimular a reflexão e o debate sobre a diversidade, bem como o preconceito linguístico. Por fim, não se pode deixar de considerar a ludicidade através de jogos aliados ao incentivo à pesquisa.

Referências

ALMEIDA, Joyce Elaine de; BORTONI-RICARDO, Stella Maris (org.). **Variação Linguística na Escola**. São Paulo: Contexto, 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. O projeto ALiB e sua trajetória. In: MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (org.). **Documentos 2: Projeto Atlas Linguístico do Brasil**. Salvador: Quarteto, 2006. p. 27-34. Disponível em: <https://alib.ufba.br/sites/alib.ufba.br/files/documentos.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2024.

CARDOSO, Suzana Alice. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

CARDOSO, Natália Rocha; PAIM, Marcela Moura Torres. **A variação lexical nos dados do estado de São Paulo (parte 2)**. Recife: UFRPE, 2021.

CARDOSO, Natália Rocha; Paim, Marcela Moura Torres. **A variação lexical nos dados do Estado de Minas Gerais (Parte 2) do Projeto Atlas Linguístico do Brasil**. Recife: UFRPE, 2022.

CARDOSO, Natália Rocha; PAIM, Marcela Moura Torres. **A variação lexical nos dados do Estado do Rio de Janeiro (Parte 2) do Projeto Atlas Linguístico do Brasil**. Recife: UFRPE, 2023.

DIALETO nordestino - Uma resposta ao preconceito. Intérpretes: Braúlio Bessa. Ceará: Braúlio Bessa, 2016. Son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=npErlIDE1xg>. Acesso em 01 mai. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTADÍSTICA - IBGE. **Censo 2022: o retrato atualizado do Brasil**. 2024. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/22005-censo-2022-o-retrato-atualizado-do-brasil.html>. Acesso em: 19 abr. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTADÍSTICA. **Conheça o Brasil - Território: introdução**. 2024. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/territorio/20591-introducao.html>. Acesso em: 19 abr. 2024.

LACERDA, Josenir Amorim Alves de. **O dicionário cearencês em cordel**. [2016]. Disponível em: <https://blogkairu.blogspot.com/2016/11/o-linguajar-cearense.html>. Acesso em: 01 mai. 2024.

MICHAELIS. **Variação**. São Paulo: Melhoramentos, 2024. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/varia%C3%A7%C3%A3o/>. Acesso em: 19 abr. 2024.

MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Para uma nova divisão dos estudos dialetais brasileiros. In: MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (org.). **Documentos 2: projeto atlas linguístico do Brasil**. Salvador: Quarteto, 2006. p. 15-26. Disponível em: <https://alib.ufba.br/sites/alib.ufba.br/files/documentos.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2024.

OLIVEIRA, Gabriela Barreto de. Variação linguística e ensino de português: crenças e atitudes. In: VIII SEMINÁRIO DOS ALUNOS DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO DO INSTITUTO DE LETRAS DA UFF - ESTUDOS DE LINGUAGEM, 8., 2017, Niterói. **Anais eletrônicos**. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2017. p.438-449. Disponível em: <http://anaisdosappil.uff.br/index.php/VIIISAPPIL-Ling/article/viewFile/733/434>. Acesso em: 18 abr. 2024.

PAIM, Marcela Moura Torres. **Tudo é diverso no universo**. Salvador: Quarteto, 2019.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola.** Campinas: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1996.

SOUSA, Maurício. Chico Bento. Maurício de Sousa Produções Ltda.: São Paulo, 2004. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/98218908/preconceito-linguistico>. Acesso em: 04 abr. 2024

ANEXOS

ANEXO I - Trecho do Cordel de Josenir Amorim Alves: O dicionário cearencês

Todo poeta de fato É grande observador Seja da rua ou do mato Seja leigo ou professor Faz verdadeira pesquisa Vasto estudo realiza Buscando essência e teor	É chamado de bocó Broco, lerdo e abestado Azulado ou brocoió Arigó e Zé Mané Sonso, atruado, bilé Pomba lesa e zuruó	Solteira idosa é titia Mosquitinho é mucuim Recipiente é vasia Meia garrafa é meiota O exibido é fiota Travessura é istripulia
Por esse nato talento Na hora de versejar Busca o tema e o momento Visa o leitor agradar Não sente conformação Se não passa a emoção Que dentro do peito está	Artigo novo é zerado Armadilha é arapuca O doido é abirobado Invencionice é infuca O matuto é mucureba Qualquer ferida é pereba Mosquito grande é mutuca	Bebeu muito é deodato Brisa leve é cruviana O sujeito otário é pato Cigarro curto é bagana Fugir é capar o gato O engraçado é gaiato Quem vai preso tá em cana
Neste cordel-dicionário Eu pretendo registrar O rico vocabulário Da criação popular No Ceará garimpei Juntei tudo, compilei Ao leitor quero ofertar	Quem muito agarra, abufela Briga pequena é arenga Enganação, esparrela Toda prostituta é quenga Rapapé é confusão De repente é supetão Insistência é lenga- lenga	Ter mesmo nome é xarapa Muito junto é encangado Água com açúcar é garapa Cor vermelha é encarnado Muita coisa dá meimundo Sendo Mundim é Raimundo Valentão é arrochado...
Se alguém é desligado	Qualquer tramoia é motim	

(Amorim, 2016)

ANEXO II - Perguntas para o *kahoot*

1- O português é falado da mesma maneira em todo o Brasil.

A- Verdadeiro

B- Falso

2- A variação por idade estuda:

A- O falar de cada região.

B- O falar de jovens e idosos.

C- A linguagem das crianças.

D- O falar dos homens e das mulheres.

3- Qual desses termos as pessoas utilizavam antigamente para nomear a peça do vestuário feminino?

A- Sutiã

B- Porta-seio

C- Cropped

5- Qual das respostas abaixo é a função das cartas linguísticas?

A- Mapear as variações de acordo com cada localidade.

B- Calcular a porcentagem de ocorrências de uma palavra.

C- Auxiliar uma pessoa a chegar em um determinado lugar.

6- Que elementos estão presentes em uma carta linguística?

A- A divisão das localidades, as legendas e as respostas encontradas.

B- As porcentagens, as linhas e as colunas.

C- Nome, idade e a localização dos informantes.

7- Raspa do tacho é uma expressão utilizada para nomear:

A- O filho mais velho

B- O filho do meio

C- O filho que nasceu por último

8- É uma forma de nomear o filho que nasceu por último:

A- Guri

B- Moleque

C- Caçula

8- É uma forma de preconceito linguístico:

A- Buscar conhecer sobre os diferentes modos de falar.

B- Dizer que falar *aipim* está certo e *macaxeira* está errado.

C- A professora ensina o uso adequado da linguagem formal ou informal dependendo do contexto.

10- Geralmente é uma característica do falar dos idosos:

A- Gírias

B- Marcadores temporais

C- Informalidade

1- Pesquise no dicionário os significados das seguintes palavras:

Blush / Rouge/ Carmim/ Caçula/ Raspa do tacho/ Sutiã/ Corpete/ Goleiro/ Porta-seio

Podem utilizar os dicionários Michaelis e Aulete disponíveis *online*. Alguns, no entanto, não estão nos dicionários. Nesses casos, pode procurar, em outros *sites*, curiosidades e informações.

2- Pergunte a um avô, avó ou outra pessoa idosa, qual nome ele daria para:

- A) Aquilo que as mulheres passam no rosto, na bochecha, para ficarem rosadas.
- B) O filho que nasceu por último.
- C) A peça de vestuário que serve para segurar os seios

3- Como você e os colegas de sua faixa etária fariam os termos do segundo enunciado?

4-Existem outros termos para as palavras acima que você e sua turma não usariam, mas que seus avós usam?